

Danilo Dolci: um homem entre os homens

I

FORMANDO manchas no mapa-mundo, compactas ou rarefeitas, consoante os continentes e as coordenadas geográficas, deparam-se-nos as regiões atrasadas, para alguns «em vias de desenvolvimento».

Na radical diversidade que a vida social apresenta distribuída espacialmente, podemos mesmo assim distinguir motivos de assemelhação que, para múltiplos efeitos, tornam viável o tratamento em bloco dessas regiões. Em particular, a fome é um elemento que permanece para a maior parte das unidades políticas existentes e, até, civilizadas. Se é que o conceito de civilização não repele imediatamente a possibilidade de pacto com o miserabilismo...

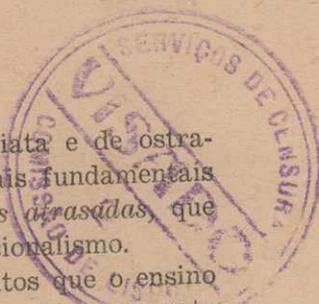
Como quer que seja, a fome resulta de uma inaptidão à despesa, motivada pelo baixo nível dos rendimentos obtidos, este mesmo com três componentes: a fraca produtividade média da mão-de-obra, a pressão da oferta sobre o mercado de trabalho e a desigual repartição dos frutos da actividade produtiva. A existência de formação técnica ou o seu obsolecismo, a carência de equipamentos adequados, o desconhecimento das tarefas mais eficientes, isto é, que proporcionem melhor rendimento por se quadrarem com as condições ambientais, a coexistência de tipos de propriedade de grandeza anti-económica — por excesso ou defeito — confluem na recolha de um baixo produto por trabalhador. Simplesmente, as marcadas diferenças quanto à posse da propriedade agrícola ou industrial, ~~concentrando a nas mãos de uma minoria empresarial (caso mais frequente das explorações industriais) ou de uma oligarquia da terra, por vezes hereditária (caso das explorações agrícolas),~~ induzem a grande massa que a ela não acedeu à oferta massiva dos seus préstimos de trabalho. O conhecido rebaixamento dos salários segue-se ao livre jogo das forças de mercado, até níveis que por vezes rondam ou estão abaixo de um mínimo de subsistência, aliás para alguns povos extremamente elástico.

A desigual repartição dos rendimentos e da riqueza social relaciona-se causal e derivadamente com as componentes anteriormente referidas. A exploração do trabalho pouco qualificado e a escassez de oportunidades que contempla a descendência do trabalhador do campo ou da indústria, oportunidades de formação intelectual e de ocupação digna e remunerada, degradam a posição relativa dos grupos sociais numéricamente mais importantes e isto, por sua vez, é causa de uma mais difícil possibilidade de invocação de direitos.



SERVIÇOS DE CENSURA
(SEDE)
AUTORIZADO
GOM
GORTI

AUTORIZADO
GOM
GORTI



Num contexto de incerteza pela subsistência imediata e de ostracismo em relação aos centros criadores das decisões mais fundamentais da sociedade, insere-se o homem média das sociedades atrasadas, que traz vincadas os traços psico-fisiológicos do seu condicionamento.

É um *homem inculto*, e não apenas em conhecimentos que o ensino dá. Os seus horizontes são estreitos, revelando-se incapaz ou pouco apto a escolher uma determinada meta de promoção própria e a agir em conformidade. A necessidade de dispender grande dose quotidiana de energias rouba-lhe o tempo para o convívio com os companheiros de função, frustra-o na sua natural ânsia de comunicação, faz dele um *homem isolado*. Homem isolado que não antevê a força potencial do grupo de trabalho em que se integra, que não assume a defesa dos seus interesses e que, por motivos diversos, se não consegue exprimir. A renúncia a qualquer ensaio de solução, o desespero gerado pela repressão dos seus anseios, tornam-no *abúlico*, privo de vontade e quase insusceptível de ser estimulado. Se admitirmos que as diferenças étnicas não constituem elemento explicativo do estado de prostração, física e psicológica, de camponês e do operário não-especializado, é em factores diferentes, relativos ao regime de propriedade e ao «status» social, que em todos os continentes devemos procurar a raiz do facto.

Ou seja, urge quase por toda a parte promover uma reforma das estruturas sociais que dê a cada homem a possibilidade de auferir dos frutos do progresso e superar, quando disso seja caso, a condição de *coisa* ou de instrumento do bem-estar e poderio dos demais.

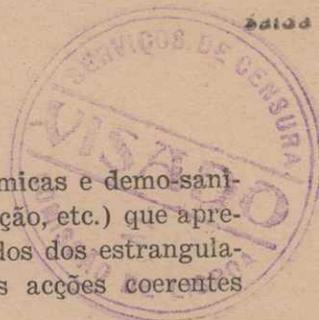
A consciência do carácter imperativo dessa necessidade tem-se desenvolvido principalmente nos descendentes da pequena e média burguesia e, nas estruturas que concedem maior grau de decisão e de afirmação pessoal, do operariado.

~~Salvar-nos-emos todos ou nenhum, somos participantes do mesmo destino e fundamentalmente solidários, o homem conseguirá libertar-se das cadeias do «eu» para assumir de vez uma vivência colectiva, todas elas são expressões de uma consciência que alguns pensadores designaram planetária, com isso pretendendo por certo dizer que as fronteiras do orbe seriam as únicas compatíveis com o despertar da consciência.~~

O empenhamento de cada um de nós em sentir e compartilhar as dores do «outro», a decisão de «tomar depressa e bem a defesa das justas causas, mediante uma exactidão metodológica justificada pela gravidade do que está em causa, a vida e a morte de homens»¹, é a única tarefa

¹ Danilo Dolci: *Fare presto (e bene) perchè si muore*, publicado por Francesco de Silva, Torino, 1954.

REPRODUZIDO
 (SEDE)
 GOM
 GOM



tuosamente grupos de estudo das condições geo-económicas e demo-sani-tárias (alimentação, vestuário, habitação, saúde, instrução, etc.) que apre-sentam, publicam e divulgam relatórios circunstanciados dos estrangula-mentos apercebidos, e uma multiplicidade de outras acções coerentes com o decálogo de Dolci que adiante referiremos.

Os *Centros da Fé e do Trabalho*, como lhes chamou Aldo Capitini³,

³ Ler Danilo Dolci *et la Révolution Ouverte*, Questions Actuelles, ed. Desclée de Brouwer, 1957.

não substituem esta ou aquela instituição comum. São por igual fomen-tadores de todas, autênticos agulhões que as auxiliam a interpretar os corpo dos deveres próprios. A multiplicação desses «Centros» seria o que, não cabendo nas forças de Danilo Dolci, melhor corresponderia à realização do seu ideário de acção social reofrmadora.

III

Danilo entende tomar para si todo o sofrimento de uma comunidade, representá-la na defesa dos seus anseios, sacrificar-se de corpo e espírito, para que a boa solução seja conseguida. O jejum que Danilo Dolci enceta — sacrifício pessoal faz imobilizar, primeiro, de espanto e em seguida de comovida angústia os homens e as mulheres de Trapetto, só interrom-pido mediante promessas formais de retoma de iniciativas concertas de fomento e com o assentimento dos companheiros — causa a maior im-pressão, pois ele é o primeiro gesto de pura simpatia que jamais viram num estranho. O retrato de dor que ofereceu a toda a aldea é o mais eficaz processo pelo qual conquista de vez o ânimo e a consciência de todos.

Aconteça o que acontecer, futuramente, Danilo nunca mais estará só; nem mesmo o facto de as promessas empenhadas junto ao seu catre não terem sido cumpridas, lhe retirará a posição de prestígio. ~~Nem o facto de ser detido sem admissão de fiança, «por tendências criminosas evidentes», como argutamente ponderou a magistratura, lhe debilitará a sua sede de justiça.~~

Outro marco importante da sua obra de união cumpre-se na grande jornada em que centenas de pescadores vão acompanhá-lo num jejum de vinte e quatro horas, fundamentado na nula vigilância que as autoridades marítimas exerciam nas zonas em que a pesca «a motor dizimava os recursos dos que a praticavam com aparelhos tradicionais». A recusa intransigente de Dolci em usar métodos violentos confere à sua persona-lidade um recorte de apóstolo e ressonância coral às massas por ele con-duzidas.

SERVIÇO DE CENSURA
(SEDE)
AUTORIZADO
COM
GORTES

conversão dos mal-intencionados ou indiferentes; liga indissolúvelmente a natureza dos fins e dos meios, dizendo daqueles que subscreviam um apelo visando o reconhecimento das condições essenciais a toda a sociedade civilizada: ~~Assinando, esses homens comprometem-se a nunca mais disparar um tiro,~~ apela para o sentido estóico que uma disciplina interior deve reforçar dentro de nós; e finalmente, a partir das actividades do Centro, sublinha o carácter irrecusável que comporta para qualquer a tomada de posição em face dos mais graves problemas comunitários.

Em suma: uma transformação operada pela dedicação e pela capacidade de convencimento que ela inspira. Fé em que a incompreensão de hoje seja a vontade atenta e vigilante do amanhã.

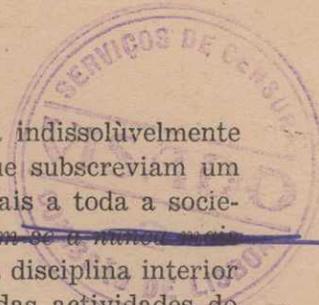
IV

A obra de Danilo Dolci, plurifacetada como tem de ser toda aquela que postule a existência de uma comunidade original, tem inegável grandeza. Grandeza que lhe advém principalmente do concurso de duas razões — a de basear-se num sacrifício pessoal e a de esta provação ser assumida visando sempre a eficácia.

Com efeito, as boas razões (ou boas intenções) do exclusivo plano pessoal, isto é, voluntária ou involuntariamente desligadas de uma prática social, são provadamente ineficazes no ponto de vista das transformações necessárias. A justeza do argumento, a capacidade de discernimento segundo um critério de equidade, a sobriedade sensorial, o equilíbrio de emoções, tudo qualidades em si altamente estimáveis, correm o risco de ser deterioradas, se lhes não corresponder um extravasamento das fronteiras do «eu», uma participação num processo de aperfeiçoamento colectivo. E tanto maior será a deterioração experimentada quanto mais aguda for a consciência de que há algo a fazer, temos uma tarefa e não somos dignos da sua altura.

Mas se em princípio há que contar com o sacrifício como eventualidade, tudo nos convida a conferir-lhe o máximo de eficácia. É assim que o suicídio não passa de fuga cobarde, irresponsável, diante da vida que é luta. Na medida em que o sacrifício atinge um sentido, a craveira do acto imprescindível, ele justifica-se de pronto e surge, já não como manifestação doentia de uma «psique», mas como o mais fecundo e aglutinante dos meios a empregar.

Se a obra de Dolci reflecte todas estas facetas, um ponto importante resta ainda por precisar. E é, a natureza daqueles que podem ser «engayés» na modelação das estruturas sociais. De acordo com o carácter «coral»,



SERVIÇOS DE CENSURA
(SEDE)
AUTORIZADO
COM
GORTES

A VONTADE. DESTROÇAR...

UM dos seus instantâneos da TV, o jornalista João Couto comemorou, a seu gosto e naquele tom desinteressado que o caracteriza, o «Dia da Polícia». Fazendo-se eco do significativo acontecimento, o actual chefe de redacção do Diário de Notícias assinalou que «sem a Polícia viveríamos a lei do mais forte» — o que não é novidade para ninguém — e que todos nós embirramos (sic: «embirramos») com os guardas porque nenhum de nós gosta que se nos chamem a atenção para os erros — o que já constitui novidade para muito bom cidadão devidamente responsável e com as contribuições em dia.

(Interlúdio. O programa segue dentro de momentos.)

Antes de mais nada não cremos que alguém ande neste mundo para embirrar com o diligente «cívico», que vela pela nossa integridade e fazenda (como se diz agora, reabilitando a linguagem paternalista do século XVIII). Nem na Inglaterra, onde o bobby é um profissional exemplar, nem na França, onde a Polícia é jacobinamente xenófoba, nem nos E. U. A., onde vive em concubinato com as brutas e os «gangsters». E nem em Portugal, felizmente.

Emberrar com a Polícia é vício de incivilidade, só permitido aos filhos-família em digressão pelos «cabarés». Fora esta excepção, é intolerável e pode dar mau resultado.

Ora, a demagogia do comentador da TV, embora servida por certo vocabulário burocrático (muito e muito nos últimos tempos), incorre, a nosso ver, no folclorismo coimbrão da praxe e da hebedeira anti-polícia. Essa idade já lá vai, graças ao Altíssimo, e correspondia a uma imagem (que também já lá vai) na qual o «sôr guarda» era apresentado com bigodes de vinho, modos bonacheirões e chanfalho medieval. Tratava-se de uma figura folclórica para uso e abuso das revistas do Amarante e dos tascos da Rua dos Correiros.

A sociedade mudou entretanto, modernizou-se e complicou-se. A evolução nacional não comporta os folclorismos de João Couto nem as embirrações coimbrãs a que se refere. «A P. S. P. deixou de ser uma corporação cívica para constituir um organismo militarizado das forças de segurança», como muito bem foi posto em relevo pelo capitão Villalobos Vieira, no discurso que proferiu por altura das comemorações. Ao «chui» das revistas do Parque Mayer sucedeu o profissional disciplinado, que muitas vezes incorre no desgosto de uns e no contentamento de outros (não é isso que está em discussão), mas cuja cultura técnica se aperfeiçoa.

A modernização de quadros, a frota móvel de que se encontra dotada, o aparecimento dos primeiros elementos femininos, as aplicações da psicotécnica, a modernização táctica, o recrutamento de cães treinados na Alemanha, as possibilidades de acesso e os meios culturais (mesmo do ponto de vista habilitações literárias) que são facilitados aos novos guardas não justificam as displicências folclóricas do comentarista João Couto. Assim, a par dos cursos dos 1.º e 2.º ciclos, já em funcionamento em alguns comandos, com a colaboração de outros organismos, como a Polícia Judiciária e a Polícia Internacional, têm-se ministrado e exigidos conhecimentos de Código Administrativo, Código Penal (...), portarias, regulamentos e decretos, mesmo que simplesmente só sofram um ligeiro aroma policial. Isto, a par de instruções de topografia, fotografia, armamento, tiro, armadilhas, explosivos, etc. — Palavras do sr. capitão Villalobos Vieira.

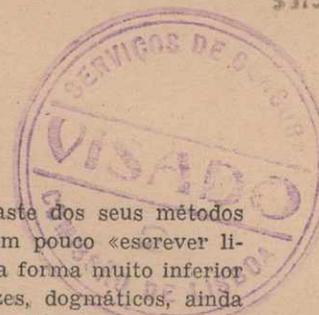
O mesmo oficial insistiu particularmente nestes pontos, em que se salienta todo «um trabalho de mentalização que é constante e talvez único no País» e procurou demonstrar como esses modestos servidores se integram «no espírito policial, tão jovem, tão firme, tão leal e tão cristão».

Nada disto tem a ver com os modos folclórico-revisteiros do comentador da TV. Nem com os tempos actuais, em que as sociedades necessitam de organismos esclarecidos e aptos. Não sendo procuradores morais da P. S. P., entendemos que menosprezar-lhe a missão é estulto e irresponsável. E por isso limitamo-nos a «emberrar» com o sr. João Couto.

A vontade. Destroçar...

C. P.

SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
CORTADO



negam-se a argumentar. Tudo o que de qualquer modo se afaste dos seus métodos particulares é, para eles, pura especulação, pura erudição — um pouco «escrever livros fundados noutros livros», que segundo o seu conceito é uma forma muito inferior da actividade intelectual. São homens, a maior parte das vezes, dogmáticos, ainda que o seu dogmatismo verse mais sobre os limites da razão que sobre um corpo definido de doutrinas. Muitos são «administradores intelectuais», profundamente metidos em «investigações sociais» relacionadas com a actividade bélica. Demasiado artificiosos para sustentar com argumentos explícitos a sua débil atitude política, evitam qualquer debate, e refugiam-se, como intelectuais paralisados, numa esfera puramente técnica e utilitária.

O desmoronamento da «esquerda», e a tentativa para divorciar as actividades intelectuais da política, funda-se, pois, no amargo e dogmático anticomunismo ~~dos velhos intelectuais~~; no tédio vazio dos jovens satisfeitos com a política actual, e ~~ignorância do seu sentido humano~~; na profusão de novelas literárias, e na prosperidade pessoal dos filisteus metidos a pensadores; e, enfim, no conservadorismo irreflexivo e no cientificismo dos cientistas da conduta. Todos estes formam uma espécie de união pouco coerente, que pretende estabelecer uma modalidade nacionalista para a qual exigem incondicional adesão.

A nacionalização dos grupos de «esquerdistas» é somente uma das causas que explicam o desmoronamento da «esquerda». Outra existe. A verdadeira «traição dos intelectuais do Ocidente» funda-se na burocratização da cultura. ~~Não é que os intelectuais se tenham convertido em homens áteis — como dizia Julien Benda — mas sim que carecem da independência necessária para dirigir pessoalmente a sua própria actividade e, ainda, o uso que se faz deles e da sua obra. Este facto não pode entender-se sem compreender as realidades comerciais e administrativas em que assenta a função cambiante dos intelectuais, nesta sociedade desenvolvida em excesso.~~

O problema com que se enfrentam os intelectuais é o da expropriação da sua própria organização cultural. Os intelectuais não têm acesso aos meios eficazes de comunicação. Mas isto não é tudo. Muitos estão a perder o domínio sobre os próprios meios de produção cultural. A situação dos intelectuais em geral é idêntica à do produtor cinematográfico sério. Este converteu-se no protótipo do trabalho intelectual. Estão a isolar-se os intelectuais do seu público, e aquela parte que ainda lhes resta está a ser convertida em homem-massa, pelos «comerciantes» e chefes que controlam e manejam os meios eficazes de comunicação. Nas mãos deles, estes meios estão a deixar de ser meios de comunicação, para se converterem em meios de distração para as massas.

ANALOGIAS ENTRE OS ESTADOS UNIDOS E A U. R. S. S.

Sustentei que os Estados Unidos e a U.R.S.S. se assemelham cada vez mais em algumas das suas actividades oficiais. Apontei vários traços culturais destas superpotências, nos quais se nota uma analogia básica. Nos Estados Unidos não existe uma organização cultural parecida à da Europa; na Rússia, a organização cultural do tipo europeu foi completamente destruída pela Revolução.

O «materialismo» da União Soviética não é mais importante, como facto religioso e espiritual, que o «cristianismo» do Ocidente — especialmente o dos Estados Unidos, onde a própria religião é hoje uma actividade bastante secularizada. Influirão muito na política nacional, na produção cultural, na qualidade da vida quotidiana,

SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
AUTORIZADO
COM
COM



TEXTOS DE DANILO DOLCI

«Trabalhar depressa e bem, porque há gente a morrer»

SERÁ preciso, para lhes dar auxílio, esperar que, loucos de fome e miséria, se revoltam? Eles são também filhos de Deus, irmãos nossos; que esperamos para os ajudar a encontrar um trabalho que dê de viver às suas famílias? Será preciso esperar que vão para o sanatório ou para a prisão, ou que sejam ceifados pelas balas da Guarda?

Se forem aos serviços públicos, o funcionário X ainda está de férias, o secretário particular Y ninguém sabe onde pára. E há quanto tempo não há ninguém para os substituir? Os contínuos são como cães de guarda preguiçosos que velam pelo sossego dos donos.

No entanto, é preciso comprar azeite, tomate, farinhas para essas crianças abandonadas até hoje e ainda hoje esfomeadas. Quem tratará disso? Não têm cama, não têm colchão, não têm lençóis. Quem tratará disso? É preciso comprar fraldas para os mais pequenitos, se quisermos que andem limpos; garfos e colheres, se quisermos que não comam com as mãos; lápis, canetas e papel, se não quisermos que fiquem sempre semiembrutecidos. Quem tratará disso?

Trappetto, 14 de Outubro de 1952.

Queridos amigos:

Sou um pecador, mas o Senhor é testemunha de que tudo o que há em mim de mais vivo não aspira a mais do que morrer para que todos vivam.

Vem a chegar o Inverno à nossa terra, de Montelepre a Balestrate. Há séculos que o banditismo, a fome, a falta de higiene, a ignorância mantêm a maior parte dos nossos irmãos num estado muito doloroso; mas quando volta o Inverno, para muitos, para quase todos — e não em casos isolados, como noutras terras — a vida torna-se uma agonia penosa.

No último Inverno, vi com os meus próprios olhos um recém-nascido morrer

SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
CORTADO

Provas remetidas à Comissão

em 23-3/65

Prova n.º 127

Saída em 28/2/65



de frio e de fome, um caso entre centenas e centenas doutros terríveis: criança que não podíamos curar, porque não havia dinheiro para os remédios; pais esverdinhados pelo jejum e pela dor de verem os pequenos com fome; pobres velhos de setenta anos e mais, obrigados a passar toda a noite no mar na esperança de trazerem alguma coisa; viúvas sós para alimentarem um rancho de filhos; doentes no hospital que deixavam os seus numa casa vazia, privados de tudo; pais presos por terem ido buscar à fazenda dos outros o alimento das suas famílias, que de seu não tinham nada (e como os filhos se arrepeavam de ver o pai entre ferros!)

Nós podemos impedir que estes miúdos deixem a escola aos sete ou aos oito anos para ajudarem o pai.

Nós podemos, em muitos casos, evitar que as prisões se encham.

Nós podemos evitar que a morte reine.

Há alguns de vós que dê murros a um homem para o curar duma pneumonia?

Há, para com esses homens nossos irmãos, um pecado de omissão de que se nos devemos arrepender e resgatar. É um acto de amor a realizar já, para sua e nossa salvação.

É preciso agir imediatamente. Para os extremos males, extremos remédios. Quero fazer penitência para que todos se tornem melhores. Antes que algum outro pequenito morra de fome, sou eu que quero morrer. De hoje em diante, não comerei mais, enquanto não recebermos os trinta milhões necessários para dar trabalho imediato aos mais carecidos e uma ajuda urgente aos que não podem trabalhar.

Quando vemos alguém disparar contra uma criança e quando se não pode fazer outra coisa, não devemos atirar-nos para a sua frente, para a salvar?

Há um rizito que vai perder-se no mar. Começaremos também trabalhos de rega para transformar em hortas e pomares a terra quase estéril e força de tantos meses de seca.

Imediatamente. Não podemos esperar. Esperar significa a morte de outras vítimas.

Se, comigo vivo, o amor não for bastante, restará o remorso, depois.

A vós, em Deus.

DANILO.

COMISSÃO DE LISBOA
 (SEDE)
 CORTADO